



COLOQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

DO “GLOBALITALITARISMO” A UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO: DIALOGANDO COM AS OBRAS DE MILTON SANTOS

MARCELINO, Jonathan da Silva
Universidade Federal Fluminense
jhonjhon28@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer um diálogo com as obras do Professor Milton Santos que um é dos maiores representantes do pensamento livre e original da academia brasileira e que cujas muitas contribuições teóricas permitiram uma análise do fenômeno da globalização, como a ideologia de um presente perverso e como uma possibilidade de um futuro que pode vir a ser promissor. O diálogo anunciado no título do texto não deve ser tomado em sentido literal trata-se na verdade de um diálogo orquestrado no sentido de demonstrar a pertinência do trabalho de Milton no tocante a temática da globalização.

Considerações Iniciais

O trabalho ora apresentado se traduz em um esforço de examinar, e resgatar as contribuições teóricas do Geógrafo Milton Santos que tendo como ponto de partida um leitura técnica, política e econômica da Globalização rebatizou-a de economia do globalitarismo, neologismo que agrega ao termo o sentido de totalitarismo. Isso porque na atual situação em que vivemos o indivíduo é obrigado a submeter-se aos ditames do Mercado para sobreviver. Para tanto optamos por utilizar como ferramenta para análise do tema central o exame do livro “Por uma outra globalização - do pensamento único a consciência universal” que acreditamos ser o mais relevante livro do autor sobre esta temática.

Para atingir o objetivo proposto foram estabelecidos alguns itens norteadores como recompor a partir do livro selecionado uma visão panorâmica no seu modo de pensar a



Globalização destacando os elementos “centrais” ressaltando os seus pressupostos filosóficos (fundamentos marxistas) bem como a sua inserção no pensamento geográfico brasileiro (motivações contextuais e trabalhos pertinentes), pois como destaca Bray 1999.

O pensamento geográfico não poderia ser analisado dissociado da conjuntura social, econômica, e política nacional e internacional, uma vez que os geógrafos refletem as concepções científicas e ideológicas de seu tempo.

Nessa perspectiva o presente ensaio insere-se nesse debate ao cotejar as idéias deste que foi um dos maiores representantes do pensamento livre e original da Academia brasileira - Milton Santos, cujas muitas contribuições teóricas permitiram uma fecunda análise do fenômeno da globalização, como ideologia de um presente perverso e como horizonte de um futuro que pode vir a ser promissor.

A trajetória de um Intelectual

Milton Santos (1926-2001) nasceu em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, filho de professores primários e neto de escravos por parte de pai foi incentivado a estudar desde muito jovem. Já em Salvador, custeou suas aulas no colégio lecionando Geografia na própria escola aos alunos do que seria atualmente ensino médio. Coursou a faculdade de direito, mas não chegou a exercer a profissão; prestou concurso público para professor secundário e passou lecionar Geografia em Ilhéus. Iniciou, então, sua carreira repleta de desafios, muito destes impostos pela sua condição de negro.

Exilado na década de 60 pela ditadura, Milton rodou o mundo, estudando e lecionando, numa fantástica trajetória. Tendo lecionado em diversas universidades da Europa, da África, da América Central e da América do Sul, sua trajetória foi marcada pelo reconhecimento nacional e internacional sendo que as principais homenagens que recebeu por sua contribuição ao pensamento mundial lhe foram feitas fora do país em virtude da grande resistência encontrada por suas idéias no Brasil. Além do prêmio internacional de geografia Vautrin Lud¹, em 1994, recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Toulouse (1980), da Universidade de Buenos Aires (1992), da Universidade Complutense de Madri (1994) e da Universidade de Barcelona (1996). Foi professor emérito de Geografia Humana da Universidade de São Paulo, e

1 "Prêmio Nobel" da geografia. Ressalta-se que Milton Santos fora o único geógrafo fora do mundo anglo-saxão a receber este prêmio.



publicou, mas de 40 livros e 300 artigos. Foi consultor da OIT (Organização Internacional do Trabalho), OEA (Organização dos Estados Americanos) e Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), de modo que podemos dizer que Milton era “... *um geógrafo-filósofo solto, ético, completamente comprometido com o seu tempo, com o seu povo, mas sobretudo com o mundo*”.(SOUZA, 1996)”.

Globalização X Globalitarismo

Essa globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível. Segundo, não vai durar como está porque como está é monstruosa, perversa. Não vai durar porque não tem finalidade. (SANTOS, 1999).

Ao propor uma análise da Globalização, Milton Santos vai afirmar que a globalização que nos é imposta pelos atores hegemônicos nada, mas é do que atual face do imperialismo travestido de uma ideologia global. A humanidade por muito tempo aguardou a oportunidade de se globalizar o que até então não havia acontecido devido à ausência de condições materiais necessárias. Segundo Santos (2001) com o aumento da produção e o desenvolvimento de técnicas avançadas, um pequeno grupo de empresas e grandes corporações captaram esse genuíno desejo da humanidade e apropriando-se das inovações tecnológicas em seu próprio proveito, obrigaram o cidadão a submeter-se as regras de mercado para sobreviver.

No seu livro “Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal” Milton Santos observa a globalização sob três perspectivas: como fábula (ou seja, como nos fazem crer que ela é), enquanto perversidade (que é como ela se revela), e por último como uma possibilidade para o futuro (que é como ela pode vir a ser, uma outra globalização). Para Milton a globalização enquanto fábula é propagandeada pelas grandes corporações e os Estados hegemônicos que a colocam como fato inevitável que será vantajoso a todos segundo ele a imposição desse “pensamento único” naturaliza o caráter perverso do fenômeno e constitui o que ele chamava de “violência da informação” que tendem produzir idéias que são impostas, para o autor a perversidade da globalização se revela na medida em que apenas alguns poucos privilegiados usufruem das vantagens enquanto a grande maioria se encontra excluída dos benefícios desse processo. Nas palavras de Santos (2001, p.169).

A ordem trazida pelos vetores da hegemonia cria, localmente, desordem, não apenas porque conduz a mudança funcionais e estruturais, mas, sobretudo, porque essa ordem não é portadora de um sentimento, já que seu objetivo - o



mercado global- é uma auto-referência, sua finalidade sendo o próprio mercado global. Nesse sentido, a globalização, em seu estágio atual, é uma globalização perversa para a maioria da Humanidade.

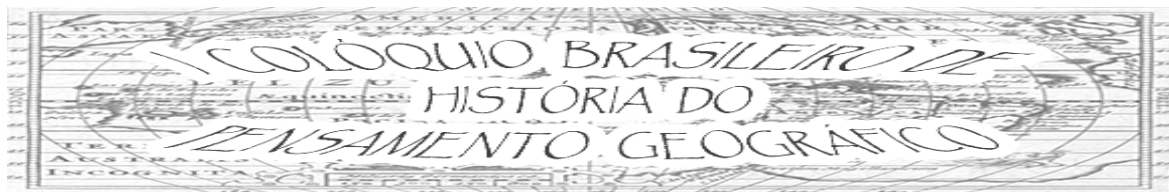
Como possibilidade para o futuro, Milton Santos sugere que uma outra globalização seja produzida a partir da absorção na esfera mundial de conceitos, e visões de solidariedade que serão construídas a partir da generalização de uma crítica a exclusão, e a desigualdade, de modo a derrubar o globalitarismo -- termo cunhado por Milton que agrega ao conceito de globalização a noção de totalitarismo um neologismo que evidencia a ausência de democracia que caracteriza os tempos atuais, e ao mesmo demonstra a vocação da sociedade contemporânea para seguir a vontade de um grupo de empresas, e de países hegemônicos.

Milton Santos e suas utopias: Em busca de uma outra Globalização

Acho que nunca houve uma fase na história da humanidade tão propícia à realização de uma sociedade humana igualitária e feliz.. (Santos, 1996)

Apesar de todo o panorama dramático vislumbrado por Milton, o geógrafo baiano nunca deixou de alimentar um certo otimismo a respeito do futuro da globalização, e da humanidade. Segundo o intelectual o caráter perverso do sistema e os seus efeitos destrutivos estariam gerando contra-racionalidades crescentes, e resistências dos *espaços banais e horizontais*. A idéia de *espaço banal* apropriada de François Perroux por Milton Santos comportava a existência do diverso, onde coabitam os objetos naturais (GONÇALVES, 2002), onde se encontra a grande massa do povo, e as *horizontalidades* para o autor eram “*espaços de contigüidades*”, *reunidos pelos territórios e, como territórios, regidos pela interação*. (SANTOS, 2001), ou seja, são espaços que exigem que os homens estejam juntos e envolvidos num mesmo projeto coeso – regional. (SOUZA, 2006).

Para Milton os *espaços banais*, e *horizontais* deveriam opor-se aos *espaços verticais*, e excludentes da globalização. Por *verticalidades* o autor compreendia que eram espaços de fluxos formados por pontos, ou como diria Gonçalves (2002, p.183) *o poder dos “de cima”, o poder dos “de fora”,* ou seja, *racionalidades dominantes nestes tempos acelerados, ditos de globalização* como afirma Souza (2006, p. 40).



A despeito disto o autor afirma que é neste *espaço banal* ou neste *espaço de solidariedade* que estão sendo construídos pelas culturas populares, e pelos pobres os pilares de uma nova utopia globalitária que segundo ele deverá ser democrática e cidadã. Pos conforme afirma Santos (2000, p.142).

Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único. Os pobres não se entregam e descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta; a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia.

Para Santos somente os pobres podem ser os agentes políticos dessa nova globalização pois são os excluídos segundo ele os legítimos portadores da "visão do real e do futuro" pois são eles que cotidianamente sentem na pele as mazelas da globalização e do neoliberalismo, são eles os homens lentos, os desprovidos das ferramentas da velocidade, que mudarão o mundo. Os sem terra, sem trabalho, sem escola, sem teto, que passam pela experiência da escassez, conceito resgatado do escritor francês Jean-Paul Sartre, são eles que têm os verdadeiro poder no tocante a criatividade, e não classe média pois elas se rendem ao conforto e como ressalta Santos (2003) em uma entrevista concedida a TV Cultura.

As classes médias são confortáveis de um modo geral. O conforto cria dificuldades na visão do futuro. O conforto quer estender o presente que está simpático. O conforto, como a memória, é inimigo da descoberta (...) e o consumo é ele próprio um emoliente, Ele amolece. Os pobres, sobretudo os pobres urbanos, não têm o emprego, mas têm o trabalho, que é o resultado de uma descoberta cotidiana. Esse trabalho raramente é bem pago, enquanto o mundo dos objetos se amplia.

Considerações Finais

A partir dos fatos mencionados podemos afirmar que Milton era um intelectual brilhante comprometido com seu tempo. E um dos mais ferrenhos críticos desse modelo de globalização que nos é imposto pelo atores hegemônicos, de modo que a relevância de sua obra se revela a partir de suas idéias revolucionárias sendo assim referenciá-lo é uma das formas de manter vivo o seu trabalho que é repleto de lições e ensinamentos de coragem, perseverança e dedicação.



Referências Bibliográficas

BRAY, Carlos Silvio. Da técnica das palavras chaves a história do pensamento Geográfico. In: 1º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 199, Rio Claro. **Mesas redondas**, Rio Claro, n° 10 p.33-43, 1980.

PORTO-GONÇALVES. Carlos Walter. Milton Santos: Ciência, ética e responsabilidade social. In: Milton Santos; Wagner Costa Ribeiro. (Org.). **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. 1 ed. São Paulo: Publifolha, 2002, v. 1, p. 171-186.

SANTOS, Milton. Temos Tudo para construir uma nova sociedade. **Por Revista Democracia Viva**. n. 2, fev. 1996

SANTOS, Milton. **Não sou militante de coisa nenhuma, exceto de idéias**. Por Zilda Iokoi - Revista Adusp em Junho de 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único a consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **De la totalidad al lugar. Barcelona**, 1996 (Da Totalidade ao Lugar). São Paulo: Edusp, 2005. 170 p.

SOUZA, Maria Adélia. **O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo**. 01. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. 400 p.

SOUZA, Maria Adélia. **Metropolização e Globalização**. In: IV ENCONTRO COM O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS, 2006, Salvador. **Anais ...** Salvador: II Encontro com o Pensamento de Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, 2006.